

“Yopará” e “Nhengatu” Transfronteiriços Práticas Translinguajeiras na Região de Fronteira: Mato Grosso do Sul/Brasil - Paraguai

Marlei Sigrist¹

Submetido em: 05/05/2020

Aceito em: 26/05/2020

RESUMO

O presente artigo expõe os diferentes conhecimentos textuais-discursivos, específicos de comunicação popular que acontece na fronteira entre o Brasil e o Paraguai. Objetiva-se apresentar um estudo desenvolvido sobre práticas translingues que ocorrem nessa fronteira híbrida, no espaço correspondente ao Estado de Mato Grosso do Sul/Brasil, um *locus* específico, cujo contexto transfronteiriço é formado por brasileiros descendentes de paraguaios, índios Guarani e outros brasileiros. Numa abordagem interdisciplinar, tais práticas foram observadas na comunicação oral cotidiana de seus usuários, destacando exemplos, para serem estudados pela ótica dos Estudos Culturais, combinados com os estudos de Linguagem e de Fokcomunicação. Verificou-se que as práticas translinguajeiras possibilitam ressignificar e recombinar as identidades dos diversos atores sociais, para torná-las culturas híbridas transfronteiriças.

PALAVRAS-CHAVE

Translinguagens; Língua Guarani; Transfronteiriço; Brasil-Paraguai.

“Yopará” and “Nhengatu” Cross-border Translingual practices in the border Region: Mato Grosso do Sul / Brazil - Paraguay

ABSTRACT

This article exposes the different textual-discursive knowledge, specific to popular communication that takes place on the border between Brazil and Paraguay. The objective is to present a study developed on translingual practices that occur in this hybrid frontier, in the space corresponding to State Mato Grosso do Sul/Brazil, a specific *locus*, whose cross-border context is formed by Brazilians Paraguayan descendants, Guarani Indians and other Brazilians. In an interdisciplinary approach, such practices were observed in the daily oral communication of its users, highlighted examples, to be studied from the perspective of Cultural Studies, combined with Language and

¹ Departamento de Arte e Comunicação Folkcomunicação e Estudos Culturais da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Correio eletrônico: marleisigrist@gmail.com.

Folkcommunication studies. It was found that the cross-language practices make it possible to resignify and recombine the identities of the various social actors to make them cross-border hybrid cultures.

KEY-WORDS

Translingual; Guarani Language; Cross-border; Brazil-Paraguay.

“Yopará” y “Nhengatu” Transfronterizo Práticas Translinguajeras em La Región fronteriza: Mato Grosso do Sul / Brasil - Paraguay

RESUMEN

Este artículo expone los diferentes conocimientos textuales discursivos, específicos de la comunicación popular que tiene lugar en la frontera entre Brasil y Paraguay. El objetivo es presentar un estudio desarrollado sobre prácticas transnacionales que se producen en esta frontera híbrida, en el espacio correspondiente al estado Mato Grosso do Sul/Brasil, un lugar específico, cuyo contexto transfronterizo está formado por brasileños de ascendencia paraguaya, indios guaraníes y otros brasileños. En un enfoque interdisciplinario, tales prácticas se observaron en la comunicación oral diaria entre sus usuarios, destacando ejemplos, para ser estudiados desde la perspectiva de los Estudios Culturales, combinados con los estudios de Lenguaje y Comunicación Popular (Folkcomunicación). Se descubrió que las prácticas multilingües permiten replantear y recombinar las identidades de diferentes actores sociales, para hacerlas culturas híbridas transfronterizas.

PALABRAS-CLAVE

Translinguages; Idioma guaraní; Transfronterizo; Brasil-Paraguay.

Introdução

Diante da estimativa de que línguas indígenas possam desaparecer no mundo todo em curto espaço de tempo, linguistas têm se dedicado a pesquisá-las e registrá-las. Organizações mundiais trabalham para que elas sobrevivam, implantando projetos e ações diretamente em aldeias ou, indiretamente, em programas educativos junto às populações mundiais.

Dentro desse pensamento a UNESCO propôs para 2019 a comemoração do Ano Internacional das Línguas Indígenas (*International Year of Indigenous languages – IYIL2019*). Uma das ações norteadas por ideias preservacionistas foi a construção de um site específico¹ (<https://en.iyil2019.org>), que vem contribuindo para “a conscientização da necessidade urgente de se preservar, revitalizar e promover as línguas indígenas no mundo”. Ainda, conforme

informações postadas no referido site, sem alguma medida protetora “mais línguas irão se perder, e a história, as tradições e a memória a elas associadas provocarão uma considerável redução da rica tapeçaria de diversidade linguística em todo o mundo”. Por isso, o site do Ano Internacional das Línguas Indígenas informa quais são as ações e medidas a serem tomadas pelas agências das Nações Unidas, governos, organizações dos povos indígenas, academias, setor público, setor privado, sociedade civil e calendário de eventos.

Vale destacar que as línguas faladas pelas populações indígenas, em poucas delas têm sido usado o sistema de escrita alfabética; representam sistemas complexos de conhecimentos e de comunicação, promoção de culturas, costumes e valores, mantidos durante milhares de anos. Por isso mesmo, pode-se dizer que contribuem para uma bela trama de diversidade cultural e pode ser utilizada como um recurso estratégico para o desenvolvimento da paz. “Sem elas [todas as línguas indígenas], o mundo seria um lugar mais pobre”.

Inspirado na proposta da UNESCO e estimulado pelos estudos da Folkcomunicação, o presente artigo pretende discutir uma linguagem híbrida que sustenta a comunicação de seus usuários, a partir de um *lócus* específico, que é a região fronteira entre Mato Grosso do Sul/Brasil e Paraguai, cuja principal língua indígena utilizada pela população mestiça é o guarani e é justificável pelo seu processo de formação cultural bastante particular. No entanto, tal particularidade tem seu componente nacional, remetendo-o à universalidade, pois a diversidade ali existente é parte integrante da totalidade.

Cenário Transfronteiriço

O cenário onde ocorrem as práticas translinguajeras, uma mistura das línguas portuguesa brasileira com a espanhola paraguaia, permeada pela língua indígena guarani, é a região Centro-Sul de Mato Grosso do Sul no Oeste brasileiro, guardadora de saberes ancestrais da população indígena referenciada e de seus descendentes mestiços, cuja produção simbólica e cultural fronteira é significativa para o presente estudo.

O Estado de Mato Grosso do Sul tem uma área de 357.145,532 km², sendo pouco maior que o território da Alemanha, possui um extraordinário patrimônio hídrico, formado pelas bacias do rio Paraguai (incluindo o Pantanal), do rio Paraná e pelo Aquífero Guarani.ⁱⁱ Também possui fronteiras secas com a Bolívia em 386 km e com o Paraguai em 1131 km. Nas linhas de fronteiras

com a Bolívia e com o Paraguai estão localizadas cidades-gêmeas (cortadas pela linha de fronteira seca ou fluvial) articuladas ou não por obra de infraestrutura, apresentando potencial de integração econômica e cultural.

Cidade no Brasil		Cidade na Bolívia
Corumbá	Cidade-gêmea	Puerto Quijarro
Cidade no Brasil		Cidade no Paraguai
Bela Vista	Cidade-gêmea	Bella Vista Norte
Coronel Sapucaia	Cidade-gêmea	Capitán Bado
Mundo Novo	Cidade-gêmea	Salto Del Guairá
Paranhos	Cidade-gêmea	Ypehú
Porto Murinho	Cidade-gêmea	Capitán Carmelo Peralta
Ponta Porã	Cidade-gêmea	Pedro Juan Caballero
Sete Quedas	Cidade-gêmea	Pindoty Porá
<i>Sanga Puitã</i>	<i>Distrito-gêmeo</i>	<i>Zanja Pytá</i>

Outros municípios fazem fronteira com o Paraguai, como: Antonio João, Aral Moreira, Corumbá, Caracol, Coronel Sapucaia, Japorã, Mundo Novo, Paranhos e Sete Quedas.

Práticas Translinguajeiras Populares

Para o presente estudo importa a linguagem popular, pois meu interesse é verificar como se manifestam os falares regionais fronteiriços em seu cotidiano, tema que venho investigando desde o início do séc. XXI. Na sociedade globalizada, torna-se um desafio compreender a maneira como são produzidas as relações no campo da cultura popular que possibilitam, ou não, a continuidade das tradições (SIGRIST, 2013).

A terminologia *práticas translinguajeiras* está calcada em Leroy e Santos (2017: 12), cujos estudos basearam-se, entre outros autores, em García e Leiva (2014). Essas autoras propõem o termo *translinguagem* e acreditam que “...o falante está situado em um espaço onde representações e enunciações alternativas podem ser geradas por meio de histórias que são desenterradas e libertadas para serem ouvidas e onde saberes conflituosos são produzidos”. Por isso, suas falas fogem das regras oficiais da linguagem e produzem outros traços linguísticos, com repertório dinâmico, próprio do lugar o que, muitas vezes, leva os sujeitos falantes ao estigma e à exclusão. Sob este prisma, a linguagem popular, conforme Beltrão (1980)ⁱⁱⁱ, pode ser observada como a comunicação dos marginalizados.

Estudando as manifestações do folclore e buscando entender as origens da linguagem popular no Brasil, caracterizando os falares regionais, encontramos em Lima e Andrade (1983), que eles têm seus fundamentos no dialeto caipira, difundido pelos bandeirantes. Porém, essa tendência não se deu de maneira uniforme em todo o país, sendo que nos lugares de maior concentração indígena, a língua preferencial foi a tupi-guarani (SIGRIST, 2004). Já escrevi, anteriormente, que jesuítas e cronistas do período colonial brasileiro, como Padre Anchieta, Frei Ivo d'Evreux, Jean de Lerry, Hans Staden e outros registraram, em suas viagens ao norte do país, a eloquência com que os indígenas demonstravam ao comunicar-se, evidenciando a sedução que sentiam pela palavra fácil.

A tradição oral indígena registrava todos os feitos da tribo, não somente enquanto história de uma etnia, mas também enquanto vivências pessoais, imaginário, consolidando as fábulas, os ritmos das danças, o saber sagrado do pajé, a ciência da cura e dos medicamentos, os ritos que acompanham cada uma dessas manifestações e, principalmente, a comunicação. Os pajés ou *caraiabas* eram os melhores agentes da comunicação, uma vez que percorriam as aldeias vizinhas de tempos em tempos, levando seus conhecimentos e trazendo, de volta, as informações colhidas em cada paragem, como realça Beltrão (1980:12), comparando-os com os atuais pregadores, evangelizadores e líderes carismáticos. Conforme Barbosa Rodrigues^{iv}, citado na obra de Cascudo (1984: 79-80), referindo-se à narrativa indígena denominada *poranduba*, explica:

Poranduba, não é mais do que a contração da preposição *Poró*, fazendo as funções do superlativo, *Andu*, notícias, *Aub*, fantástico, ilusório, significando Histórias Fantásticas, Fábulas, Abusões, etc; como Porandiba são histórias tristes, más; de *Aiba*, mal, mau, entretanto que fazem derivar de *Porá*, habitante, *Nheeng, fala e Dyba muito, com significado de Novidades*. É verdade que Poranduba pode também ter esta classificação, porém, então a etimologia é outra, vem da mesma preposição *Poró* e do verbo *Endub, escutar, sentir, donde o verbo Porandu, perguntar, questionar, interrogar.* (grifo meu)

É possível concordar com Canagarajah (2013) que as práticas translíngues já existiam desde sempre, tanto no Ocidente como no Oriente e nos grupos indígenas autóctones do mundo. A questão é que tais repertórios foram desconsiderados pelos estudos das camadas dominantes.

Embora o português fosse a língua oficial brasileira da Colônia de Portugal, até meados do século XVIII o idioma mais usado, considerado legitimamente nacional em sua expressão, era a língua indígena tupi no litoral e guarani no centro do continente, como nos aponta Teodoro Sampaio^v, in Cascudo (1984: 84-6), referindo-se ao documento escrito por Padre Vieira, em 1694,

no qual mencionava que as famílias dos portugueses e índios em São Paulo viviam tão entrosadas que, tanto umas quanto outras usavam a língua dos índios para se comunicarem no cotidiano. E a língua portuguesa, as crianças aprenderiam mais tarde, ao ingressarem na escola. O autor, ainda, sustenta que “as levas que partiam do litoral, a fazerem descobrimentos, falavam, no geral, o tupi; pelo tupi designavam os novos descobertos, os rios, as montanhas, os próprios povoados...”. Nesse contexto, o idioma indígena já não era usado tão somente para contar seus feitos, suas histórias, mas num processo contrário, pelos portugueses, principalmente os jesuítas, para ensinar condutas e valores, como ressalta Cascudo (1984: 86):

Era um liame de aproximação mesmo entre colonos brancos e a massa mameluca. (...) Os padres falavam o *nhengatu*, a língua boa, não propagavam as lendas nem o espírito do povo humilhado. Levavam no seu bojo sonoro as idéias cristãs da Companhia de Jesus, as armas contra os velhos Pajés. (grifo meu)

O *nhengatu* tido como “língua boa” tornou-se, então, a língua geral, falada em todos os cantos do Brasil Colônia, como uma espécie de “esperanto” usado nos âmbitos comercial e diplomático, até que em 12 de outubro de 1727, o rei de Portugal, D. João V, proibiu terminantemente o uso dessa língua na colônia.

O uso da língua nativa se estendia para além da colônia portuguesa, repetindo-se em terras de Espanha, onde o Brasil de hoje (Mato Grosso do Sul) foi o Paraguai de ontem – até 1750, quando, pelo Tratado de Madri, Portugal amplia sua fronteira Oeste. Conforme Martins (1993:4), “hoje a língua Guarani é falada por aproximadamente vinte e cinco mil índios no Brasil; oito mil no Paraguai; sessenta mil na Bolívia, além dos quase três milhões de falantes não-índios do Paraguai moderno”. No Paraguai, essa mesma prática translinguajeira é denominada de *yopará* e no Brasil é possível continuar a usar a mesma denominação do passado – *nhengatu*. Em Mato Grosso do Sul há aproximadamente 300 mil não-índios, descendentes dos paraguaios, que se instalaram no Brasil, sendo que 50% deles falam e/ou entendem as práticas translinguajeiras. Tais práticas têm sido fortalecidas no último século pelos grupos nativos, mestiços e seus descendentes, que desenvolveram um linguajar peculiar composto por termos indígenas, mesclados ao das línguas oficiais de ambos os países vizinhos – o espanhol e o português. O aprendizado se dá naturalmente, no cotidiano, sem separações de uma ou outra língua. Há uma coexistência de sistemas linguísticos na comunicação oral, cujos falantes alternam as línguas usadas concomitantemente conforme o momento exige.

Pode-se perceber que o emaranhado de línguas faladas concomitantemente pelas pessoas do lugar supramencionado, está apontando que as comunidades falantes estão vinculadas a mais de uma cultura e vivem, no seu cotidiano, simbologias, significados, produções ligadas tanto às culturas locais, como às do país vizinho e de seus antepassados. Às vezes pode destacar uma delas como a principal, dependendo da ocasião.

O guarani é uma língua indígena dos povos de mesmo nome que sempre habitaram o sul da América do Sul. Derivada^{vi} do guarani antigo é falada por esses povos e, também, pelos não índios paraguaios, como uma segunda língua oficial do Paraguai. É considerada a língua co-oficial na Bolívia e em Corrientes, na Argentina. Em agosto de 1995, o guarani recebeu o *status* de “língua histórica” pelos países participantes do Mercosul e em 2007 foi reconhecida como língua oficial daquela organização econômica.

Falada, também, pelos mestiços brasileiros, habitantes da fronteira com o Paraguai, porém não se tornou língua oficial brasileira, como no país vizinho, mesmo porque o Brasil possui uma rica diversidade de línguas, impossibilitando determinar que todas sejam línguas oficiais.

No entanto, a cidade de Tacuru, em Mato Grosso do Sul-Brasil, considera o guarani como uma língua oficial, além do português, a partir de uma Lei Municipal sancionada em 24 de maio de 2010. A Lei determina que:

[...] ninguém poderá sofrer discriminação pela língua de que faça uso e destaca o respeito e a valorização às variedades do guarani, como o caiouá, o nhandeva e o embιά. A lei determina, ainda, que a prefeitura de Tacuru deverá apoiar e incentivar o ensino da língua guarani nas escolas e nos meios de comunicação pelos países membros da comunidade econômica do Mercosul.²

Conforme Arruda (1993:45), no período do ciclo da erva mate “o guarani dos paraguaios deu nome aos ranchos, a instrumentos de trabalho, aos tipos de erva e obrigou os *patrons* e a quem quer que fosse [...] a falar o guarani”. Pela história, sabe-se que o primeiro grande contingente de famílias paraguaias que se refugiaram em terras, hoje, sul-mato-grossenses foi logo após a Guerra do Paraguai (Guerra da Tríplice Aliança, 1864-1870). Atravessaram a fronteira por causa da perseguição de seu próprio governo Solano Lopes, ou motivados pela recente indústria da erva mate em Ponta Porã-MS e, mais tarde, em outros municípios como Porto Murtinho-MS, cuja erva produzida era exportada para o mundo. A segunda debandada, do

² Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/cidades/ms-municipio-de-tacuru-adota-guarani-como-lingua-oficial,ad0da21a4572b310VgnCLD200000bbcceb0a RCRD.html>

Paraguai para Mato Grosso do Sul, deu-se durante a Guerra Civil de 1947, seguida do governo ditatorial de Alfredo Stroessner (1954-1989), pelas perseguições políticas sem fundamentos. Desde o início, os trabalhadores braçais engajaram-se como peões das ranchadas na Cia. Matte Laranjeira, outros como peões em fazendas do Pantanal e regiões adjacentes.

Trouxeram consigo os costumes da alimentação, do consumo de erva mate, da musicalidade desenvolvida desde os tempos dos jesuítas, dos ritmos das polcas, e o linguajar de um país colonizado pelos espanhóis, mas com fortes traços indígenas guarani. Ao se fixarem em terras brasileiras, veio também o aprendizado da língua local, embora esse local já tivesse forte influência hispânica, dada sua origem na ocupação das terras. Com a demarcação oficial da fronteira (final do século XIX) e com o desenvolvimento da indústria da erva mate (principalmente nas três primeiras décadas do século XX, decrescendo até os anos 50), somado à navegação da Bacia do Prata (mesmo período), muitos dos usos e costumes foram sendo enraizados em Mato Grosso do Sul, a partir do contato com os países platinos, principalmente, Argentina, Uruguai e Paraguai.

Conforme afirma Melià no prólogo do Dicionário Trilingue do Mercosul (JIMÉNIZ y RODRIGUES: 2011),

O guarani está saindo da situação de discriminação e marginalização e aspira ser uma língua da rua, da praça, da casa, da oficina e do escritório, do jogo e da disputa, do comércio e da política; uma língua falada, já que a língua que não se fala é língua morta; uma língua certamente moderna, não exclusivista, língua de um *ñande-nós*-amplo, uma língua de uso habitual, flexível e viva, como a fibra de um tronco de palmeira e a graça de suas folhas ao vento. (p.xvi)

Como conversam as pessoas que habitam a fronteira? Do guarani têm-se as vogais: "a" [a], "e" [ɛ], "i" [i], "o" [ɔ] e "u" [u] que são pronunciadas da mesma forma que no português. O "y" é pronunciado com a língua no céu da boca [i]. Essas vogais também apresentam sons nasais como: "ã", "ẽ", "ĩ", "õ", "ũ", "ỹ". Para a língua guarani arriscaria dizer que existe um sétimo fonema, representado pelo silêncio, o qual tem o significado do "som da alma".^{vii} Muitas palavras são atravessadas por fração de segundo desse silêncio. SIGRIST (2004)

Algumas expressões guaraníticas do cotidiano fronteiriço podem ser exemplificadas assim: *Mo'o gui reju?* – (De onde você vem?); *Mba'e rejapo?* (Que está fazendo?); *Che aime ko'ape* (Eu estou aqui); *Roo ta nhembo'eapy* (Nós vamos à escola); *Kuña kuñandi* (de mulher para/com a mulher); *Kuña baretê* (mulher corajosa); *Nhanderequeí* (nosso irmão mais velho); *Mba'e* (Coisa,

bicho); *kyre'y* (alegre); Jha, che Valle (Oh minha terra!); *Ryguazú yayu vocá* ou *ryguazú ayura vocá*, (matar a galinha pelo couro) – é uma passo de dança da polca; *Chipá acú rerajhá* (o que leva a chipa quente) – é outro tipo de passo da polca; *Zanja Pytá* (*Zanja* é um pequeno regato ou erosão provocada por chuvas. Já o nome *Puitã* significa vala/barranco vermelho ou então sangue vermelho), essa palavra composta deu origem ao nome do Distrito de Sanga Puitã-MS.

Em 2002 comecei a estudar as práticas translinguajeiras, para uma pesquisa em folkcomunicação, e me deparei com um programa de rádio em sistema FM, da Rádio Educativa Governamental do Estado de Mato Grosso do Sul, cuja apresentadora do programa intitulado *Ñe ê ngatu* havia crescido na fronteira e dominava este tipo de fala. O programa corria de forma dinâmica, com participação dos ouvintes se comunicando no modo das práticas translinguajeiras. Eis um trecho da fala *yopará/nhegatu* da apresentadora:

Ñande pújare imarangatuve jahguá, oñêpürû agha, ñe' ê ngatu. Buenas noches. Soy Margarida Román y usted está en ñe ê ngatu, programa indo-latino informativo, educativo y cultural de la comunidad paraguaya guarani, residentes en Campo Grande, sigue, en directo com ñe' ê ngatu, [...] Este é o seu ñe' ê ngatu desta quarta-feira, dezoito de dezembro de 2002. (Sigrist, 2004: 85)^{viii}

No repertório translinguajeiro há o desenvolvimento de habilidades dos falantes de maneiras diferenciadas para cada língua, dependendo da bagagem com que eles constroem suas falas no cotidiano, o que é diferente de se ter o domínio completo das três línguas e possuir desenvoltura para se expressar separadamente com cada uma delas.

Como diz a apresentadora do programa de rádio *Ñe ê ngatu*, referindo-se à cultura do povo fronteiriço, *ña nde báê*, significa “isso é nosso”, tem que ser trazido à tona, divulgado, discutido e valorizado. O programa torna-se, assim, um canal transformador de posturas da sociedade circundante para com os grupos de fronteira e vice-versa.

Tais práticas acontecem durante o trabalho e ajudam nos relacionamentos sociais nas empresas que empregam pessoas de diferentes identidades culturais em ambos os lados da fronteira. Repetem-se nas festas populares, nos momentos de lazer, nas manifestações tradicionais do *El Toro Candil*, em que os mascarados brincam com o touro de pano, zombando entre si em linguagem *yopará*.

As mesmas práticas translinguajeiras fronteiriças atingem, também, o campo da literatura, podendo-se lembrar que, dentre os escritores latino-americanos que produziram obras

impactantes, destaca-se o escritor sul-mato-grossense Hélio Serejo, cujas obras perpassam pela sua vivência na fronteira e desvelam um rico vocabulário translinguajeiro, com destaque para a língua guarani. Para exemplificar, no conto de sua autoria denominado “O último ervateiro”, o autor narra histórias de um personagem chamado Otaviano dos Santos, um ser muito valente e sabedor de todas as coisas da vida ervateira, assim como o trecho:

Eram-lhe familiares *tini, juruaquá, topitá, ataqueio, acaperon, masca, tunguear, mburear, tapê-poi, tapê-hacienda, tapê-guaçu, tembiú, sapeco, raído-sã, jujo, camba-cuá, cava-pitã, guaino, jasy, kuimbaê, mbói ytiapê, mbutu saiju, mbirá, arvolera, maestra, tendida, rezario, costo, caú, carai tuja, mitã-i, desajuno, sôo-piru*, e tudo o mais. (SEREJO, 2008, p.90, destaques meus, cf. explicação anterior)

Percebe-se uma diversidade de recursos para expressar sentidos, identidade, trabalho, vivências, trocas culturais, usando do repertório linguístico que a fronteira permite e também estimula a produção de literatura por quem viveu intensamente naquele contexto.

Outro destaque na literatura brasileira, usuário das práticas tranlinguajeiras, criado em Mato Grosso do Sul, é o poeta de vanguarda Douglas Diégues, que criou a terminologia “Portunhol Selvagem” para designar a fala híbrida da fronteira, ou as práticas translinguajeiras. É coautor de um dos mais sérios estudos sobre poéticas dos povos indígenas do Brasil, participou com as traduções da antologia de poesia guarani “Kosmofonia *mbya* guarani”, em coautoria com Guillermo Sequera, antropólogo e etnomusicólogo paraguaio, organizando a gravação do CD com transcrições de cantos indígenas. Em publicação do Jornal *O Estado de São Paulo*, em 30/06/2006 lê-se:

O poeta Manoel de Barros, depois de ouvir os cantos reunidos na pesquisa Kosmofonia Mbya Guarani, do paraguaio Guilherme Sequera e organizado pelo brasileiro Douglas Diegues (Editora O Morto q Fabla), disse o seguinte: "Eles (os cantos) me transportaram para os ancestrais, para os fósseis linguísticos, lá onde se misturam as primeiras formas, as primeiras vozes. A voz das águas, do sol, das crianças, dos pássaros, das árvores, das rãs. Passei quase duas horas deitado nos meus inícios, nos inícios dos cantos do homem."

São lugares específicos como a fronteira Brasil-Paraguai que se constroem sentidos diferenciados para se negar a separação e adotar, sim, a convivência e a comunicação híbrida como ferramentas para as relações sociais e culturais.

Por este breve estudo percebe-se que o fenômeno mais forte que liga as pessoas da região de fronteira é, sem dúvida a comunicação popular, uma folkcomunicação desenvolvida por meio de práticas translinguajeiras. Assim escreveu Beltrão, in Marques de Melo (2001: 153),

Uma região se define antropossociologicamente pelos seus habitantes e sua estrutura social: população, raça, língua, crenças, costumes e tradições, organização familiar e política, economia, maior ou menor grau de abertura às influências exteriores, vias de acesso de meios de comunicação disponíveis. Conhecer uma região é pré-requisito ao diálogo que se deseja manter com os seus habitantes...

E ainda Beltrão (1980: 40):

...na folkcomunicação cada ambiente gera seu próprio vocabulário e sua própria sintaxe [...] cada agente-comunicador emprega o canal que tem à mão e melhor sabe operar de modo a que seu público veja refletidos na mensagem seu modo de vida, suas necessidades e aspirações...

O diálogo depende, grandemente, das línguas usadas pelos povos da fronteira e uma delas é a língua indígena guarani, que está bem viva, no presente, no meio do povo que habita um lugar especial de encontros culturais. Esses habitantes são brasileiros, mas são usuários de uma cultura particular que o próprio Brasil desconhece.

Considerações Finais

O presente estudo nos revela que o espaço transfronteiriço Brasil-Paraguai não se mostra como um lugar que separa, mas sim que une e integra as pessoas nos diversos campos: social, educativo, de trabalho, por meio de práticas translinguajeras usadas no cotidiano. As práticas não se mostram como um gueto, mas como um modo de falar marginalizado e esquecido no campo da oficialidade. No entanto, no campo das ciências surgem, em finais do século XX e início do século XXI, estudos sobre os diferentes falares híbridos.

Se há 520 anos os portugueses descobriram o Brasil, hoje nós todos estamos descobrindo o Brasil novamente, o lugar que habitamos e convivemos. Comprovada a brasilidade dos diversos códigos linguísticos do país, o *yopará* e o *nhengatu* revelam uma forma diferente de se falar e se expressar em todos os sentidos culturais, evidenciando um traço regional em Mato Grosso do Sul-Brasil. Como já foi dito, anteriormente, e repetido pelos habitantes da fronteira: *ña nde báê*, significa, “isso é nosso”, tem que ser trazido à tona, divulgado, discutido e valorizado.

Não é necessário habitar os espaços de fronteiras para compreender os entrelaçamentos linguísticos e culturais, porque com todo o processo de globalização que nos atinge, estamos conectados a todas as pessoas do mundo e, de uma maneira ou de outra, processamos ressignificações e reconfigurações. Portanto, as fronteiras também estão dentro de nós,

possibilitando outras formas comunicacionais, convidando-nos a revisitar os estudos das línguas em que muitas continuam na marginalidade.

Notas de Fim

ⁱ Veja em: (<https://en.iyil2019.org>)

ⁱⁱ O **Aquífero Guarani** é uma reserva subterrânea de água doce (considerada até o momento a maior da América do Sul e uma das maiores do mundo), localizada na região sul da América do Sul (partes do território do Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai). Nomeado em homenagem ao povo guarani (que, até a chegada dos colonizadores de origem europeia, no século XVI, ocupava grande parte do território do aquífero),. (https://www.suapesquisa.com/geografia/aquifero_guarani.htm).

ⁱⁱⁱ Luiz Beltrão criou o termo Folkcomunicação para “o processo de intercâmbio de informações e manifestações de opinião, ideias e atitudes de massa, através de agentes e meios ligados direta e indiretamente ao folclore”. Beltrão, 1980). Trata-se da Teoria da Folkcomunicação, que tem se fortalecido através dos grupos de pesquisa espalhados pelo Brasil, América Latina e países Ibero-americanos. É uma proposta inovadora diante da complexidade dos estudos culturais, enquanto disciplina no campo da Ciência da Comunicação.

^{iv} RODRIGUES, Barbosa. “Poranduba Amazonense”. II, **Anais da Biblioteca Nacional**, v. XIV, n.2, Rio de Janeiro/RJ, 1890.

^v SAMPAIO, Teodoro. **O tupi na geografia nacional**, 2, 3ª ed. Bahia: [s/e], 1928.

^{vi} O guarani atual advém do guarani antigo, mantido graças aos jesuítas que o utilizaram como instrumento de educação religiosa nas reduções indígenas. No entanto, a sistematização da língua, ao longo do tempo, sofreu modificações, gerando uma variedade de vocábulos da língua oficial paraguaia, o espanhol, o que gerou a expressão *yopará* ou *jopará* (mistura linguística no Paraguai). Atualmente, expressões *yopará* podem ser observadas em matérias publicadas em jornais ou revistas.

^{vii} *RODRIGUES, Aryon Dall'igna foi o autor que mais estudou sobre as línguas indígenas no Brasil. Há um artigo de CABRAL; MARTINS; CORRÊA e OLIVEIRA, objetivando evidenciar a obra de RODRIGUES, que vale a pena ser consultada.*

^{viii} Usei diferentes grafias para ressaltar as palavras em diferentes línguas como: *Itálico* para palavras em língua guarani, **Negrito para a língua espanhola**, grifada para o português. Na tradução desta fala pode-se ler: “*Vamos à boa música para todos nós. Boa noite, sou Margarida Román e você está no programa ñe ê ngatu*, programa indo-latino informativo, educativo e cultural da comunidade paraguaia guarani, residentes em Campo Grande; segue direto com o ñe ê ngatu [...] Este é o seu ñe ê ngatu desta quarta-feira, dezoito de dezembro de 2002.”

Referências

ARRUDA, Gilmar. O trabalho paraguaio na Matte Laranjeira. **Arca**. Campo Grande: SEMCE, nº 4, p. 44-7, dez/1993.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação, a comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Cortez, 1980.

BELTRÃO, Luiz. Mediações Comunicacionais: relações entre mídia e folclore”, in MARQUES DE MELO, José. **Mídia e Folclore**. Maringá/São Bernardo do Campo: Cátedra UNESCO de Comunicação, 2001.

BENJAMIN, Roberto Emerson. **Folkcomunicação no contexto de massa**. João Pessoa: Edições CCHLA, Editora Universitária/UFPB, 2000.

BUENO, Eva Paulino. “(In) Tolerância Lingüística e Cultural no Brasil”. **Revista Espaço Acadêmico**. Nº 31, dez/2003, disponível em <www.espaçoademico.com.br>, acesso em 09/12/03.

CABRAL, A.S.A.C; MARTINS, A.M.A.; CORRÊA. B.C.; OLIVEIRA, S.C.S. “A linguística histórica das línguas indígenas do Brasil, por Aryon Dall’igna Rodrigues: perspectivas, modelos teóricos e achados”. In: **Delta**, n.30, especial, 2014, p.514-542, disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/delta/v30nspe/0102-4450-delta-30-spe-0513.pdf>, acesso:21/05/2016.

CANAGARAJAH, Suresh. **Translingual practice**. New York: Routledge, 2013.

CASCUDO, L.da C. **Literatura oral no Brasil**. 3ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1984.

GARCÍA, O.; LEIVA, C. Theorizing and Enacting Translanguaging for Social Justice. In: BLACKLEDGE, A.; CREESE, A. **Heteroglossia as Practice and Pedagogy**. Heidelberg, New York, London: Springer, 2014.

JIMÉNIZ, D.A. y RODRIGUES J.M. **Dicionario Trilingue do Mercosul**. Prólogo Bartolomeu Melià, s.j. Fundación Tapé Avirú Paraguay. Colección Oro, vol.1 Asunción-PY, 2011.

LEROY, H.R.; SANTOS, M.E.P. “Percorrendo as Veredas das Práticas Translinguajeiras em Contexto Transfronteiriço: Possíveis Travessias no Ensino Aprendizagem de Língua Portuguesa Adicional” (24p.). **Revista Latinoamericana de Estudios en Cultura y Sociedad | Latin American Journal of Studies in Culture and Society** V. 03, ed. especial, dez., 2017, artigo nº 514 | relacult.clac.org | e-ISSN: 2525-7870.

LEROY, H.R.; SANTOS, M.E.P. “As práticas discursivas translinguajeiras, transculturais e decoloniais e as (in)visibilidades das identidades performativas dos sujeitos na sala de aula de língua portuguesa adicional em contexto transfronteiriço”. In: **Revista do SELL** (eletrônica) v. 6, no. 3 ISSN: 1983 – 3873, UFMT, 2017, (21p.), <[HTTP://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/sell/article/](http://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/sell/article/)

view/2339/2402, acesso 23.04.2018.

LIMA, R. T.; ANDRADE, J. **Escola de Folclore**: estudo e pesquisa de cultura espontânea. São Paulo: Escola de Folclore, 1983.

MARQUES DE MELO, José (org). **Mídia e folclore**. O estudo da Folkcomunicação segundo Luiz Beltrão. São Bernardo do Campo: UMESP/Cátedra Unesco, 2001.

MARTINS, Gilson Rodolfo. "A cultura guarani na formação da sociedade paraguaia". **Arca**. Campo Grande: SEMCE, nº 4, dez/93, p. 4-9.

MELIÀ, Bartolomeu. "Prólogo". In: JIMÉNEZ, D.A., RODRIGUES, J.M. **Ñe' e ryru Mercosul**. Asunción-PY: Embajada de Brasil em Asunción. Fundación Tapé Avirú Paraguay. Coección Oro, v.1, 2011.

NO SESC A TRILHA SONORA DO SONHO GUARANI. O Estado de São Paulo, São Paulo, 30/06,2006. Disponível em <<http://www.crmariocovas.sp.gov.br/noticia.php?it=7935>>

RODRIGUES, Barbosa. "Poranduba Amazonense". II, **Anais da Biblioteca Nacional**, v. XIV, n.2, Rio de Janeiro/RJ, 1890.

SAMPAIO, Teodoro. **O tupi na geografia nacional**, 2, 3ª ed. Bahia: [s/e], 1928.

SEREJO, Hélio. **Obras completas de Hélio Serejo**. Sistematização, revisão e projeto final de H. Campestrini. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul / Editora Gibim, 2008, volume IX.

SIGRIST, Marlei. "Ñe' ê ngatu: o comunicador da fronteira Mato Grosso do Sul-Paraguai". **Revista Signos**. Ano 25. PUC/RS, 2004, p. 75-87.

SIGRIST, Marlei. "Hibridação". In: MARQUES DE MELO, J. e FERNANDES, G.M. (Orgs). **Metamorfose da Folkcomunicação**. Antologia Brasileira. São Paulo, Editae Cultural, 2013, p.652-661.

TERRA.COM.BR. **MS: município de Tacuru adota guarani como língua oficial**. 31/05/ 2010, disponível em <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/cidades/ms-municipio-de-tacuru-adota-guarani-como-lingua-oficial,ad0da21a4572b310VgnCLD200000bbcceb0a_RCRD.html> Acesso em: 12/05/2016.